

A comemoração ameaçada

JORNAL DE BRASÍLIA

Nelson Penteadó

05 AGO 1990

O mês de agosto, para muitos, é sempre "carregado" de influências nefastas e perigosas que propiciam acontecimentos inesperados e sempre ruins. Esse, certamente, não é o entendimento da equipe econômica do governo Collor. Ao contrário do catastrofismo apregoados pelos opositores do plano de estabilização econômica, julho fechou com todos os indicadores econômicos apontando para uma estabilização dos preços. E mais, nos primeiros três dias do mês, os mercados futuros já apostavam na queda da inflação em agosto para apenas um dígito. Foi a resposta positiva do mercado que a equipe econômica esperava.

Além da reação positiva do mercado, que começa a apostar na reversão do processo inflacionário, outros indicadores justificam a euforia de toda a equipe da ministra Zélia Cardoso de Mello: novo superávit do Tesouro em julho de Cr\$ 12,63 bilhões, saldo de mais de

Cr\$ 1 trilhão das cadernetas de poupança até 19 de julho, black "sossegado" abaixo dos 20% de ágio, recompra de 19% dos títulos da dívida pública até o final de 90, além da diminuição brusca dos boatos que sempre assolaram a Esplanada dos Ministérios.

Nem sequer a repercussão do rio e das chuvas do Sul e Sudeste e da estiagem no Nordeste, que poderiam alavancar os preços dos produtos agrícolas, causam preocupação, segundo informação transmitida pelo secretário executivo do Ministério da Economia, Eduardo Teixeira.

"É a primeira semana tranquila depois do plano", me confidenciou Teixeira na tarde de sexta-feira. "Vamos comemorar isso", sentenciou. Até aí muito bem. Vale a comemoração. Só que o nó da questão é manter a inflação baixa daqui para frente. As pressões eleitorais crescem dia-a-dia e vão esquentar muito até as eleições

em 3 de outubro. Todos os candidatos governistas e também os que recebem apoio velado do Planalto vão lutar muito pela liberação de recursos para suas regiões. Mesmo assim, a ministra Zélia e equipe prometem resistir e conceder o mínimo.

Só que, para o presidente Collor, a eleição dos governistas e de todos os políticos que já lhe prometeram apoio no Congresso renovado e nos Estados é vital. O Presidente precisa, de qualquer maneira, ampliar sua base de sustentação no Legislativo e nos Estados para conseguir ampliar as reformas e continuar governando com a autonomia que considera necessária.

Essa disputa vai ser acompanhada atentamente por toda a sociedade. E, nesse caso, a equipe da ministra Zélia terá a torcida de todos. Pois, afinal, a maioria dos brasileiros prefere, certamente, o controle da inflação.